

## **O sudoeste angolano e suas valências: uma análise crítica da produção teórica colonial**

**Helder Pedro Alicerces Bahu** 

---

### ***Resumo***

O progresso da pesquisa em Ciências Sociais no contexto do sudoeste angolano se afigura como uma tarefa muito intermitente pois, observa-se uma enorme apatia por parte dos pesquisadores locais relativamente ao resgate da enorme produção colonial. Esta, tal como observado nos textos disponíveis, ajusta-se a pormenores dirigidos ao cumprimento dos preceitos coloniais que, olhando para as tendências atuais, deve-se aproveitar o essencial e desconstruir os elementos anteriormente definidos e relançar o processo investigativo.

**Palavras-chave:** Civilização, Colonização, Desconstrução, Sudoeste Angolano.

## **Southwest Angola and its valences: a critical analysis of colonial theoretical production**

**Helder Pedro Alicerces Bahu**

### ***Abstract***

---

The progress of research in the social sciences in the context of the Angolan Southwest seems to be a very intermittent task since there is a great apathy on the part of the local researchers regarding the rescue of the enormous colonial production. This, as observed in the available texts, fits in with details aimed at complying with colonial precepts, which, looking at current trends, must take advantage of the essential and deconstruct the previously defined elements and relaunch the investigative process.

**Key words:** Southwest Angolan, Colonization, Civilization, Deconstruction.

## **Introdução**

Falar do sudoeste angolano significa, *a priori*, navegar sobre um espaço bastante diversificado cuja configuração remonta a determinação das fronteiras ao sul do território que é hoje conhecido por Angola.

Num significativo emaranhado de acontecimentos, a região em apenso caracteriza-se por uma enorme diversidade de povos, alguns mais antigos do que outros, movimentando-se num sentido de intercâmbio cultural por conta da inevitabilidade do encontro mundial de culturas.

Este local, tardiamente alcançado pelos europeus, contrariamente ao litoral norte e centro, categorizou-se como uma região de “algum exotismo” cultural e, daí a existência de uma importante produção teórica sobre os povos deste território. Assim, a profundidade dos referidos estudos circunscreveu-se num cenário de enorme alteridade e numa perspectiva de conhecimento do outro como forma de o dominar, reservando-lhe um ideal civilizacional para a garantia de maior integração.

É nestas continuidades e descontinuidades dos estudos produzidos que pretende-se fazer uma análise crítica do formato das pesquisas realizadas e construir pontes entre o produzido e a emergência de novos saberes, sem, claramente, perder de vista tudo o que foi produzido anteriormente. Para tal, enalteçamos a pesquisa bibliográfica e documental como forma de avaliação da informação produzida que, independentemente da sua pertinência, introduz um conjunto de relatos conducentes a alguma má interpretação e até absorção dos ditames da “civilização”. Infere-se uma adequação dos estudos ao postulado pelas humanidades que, numa perspectiva desinteressada, procura seriamente alguma neutralidade de análise.

## **O sudoeste angolano em revista**

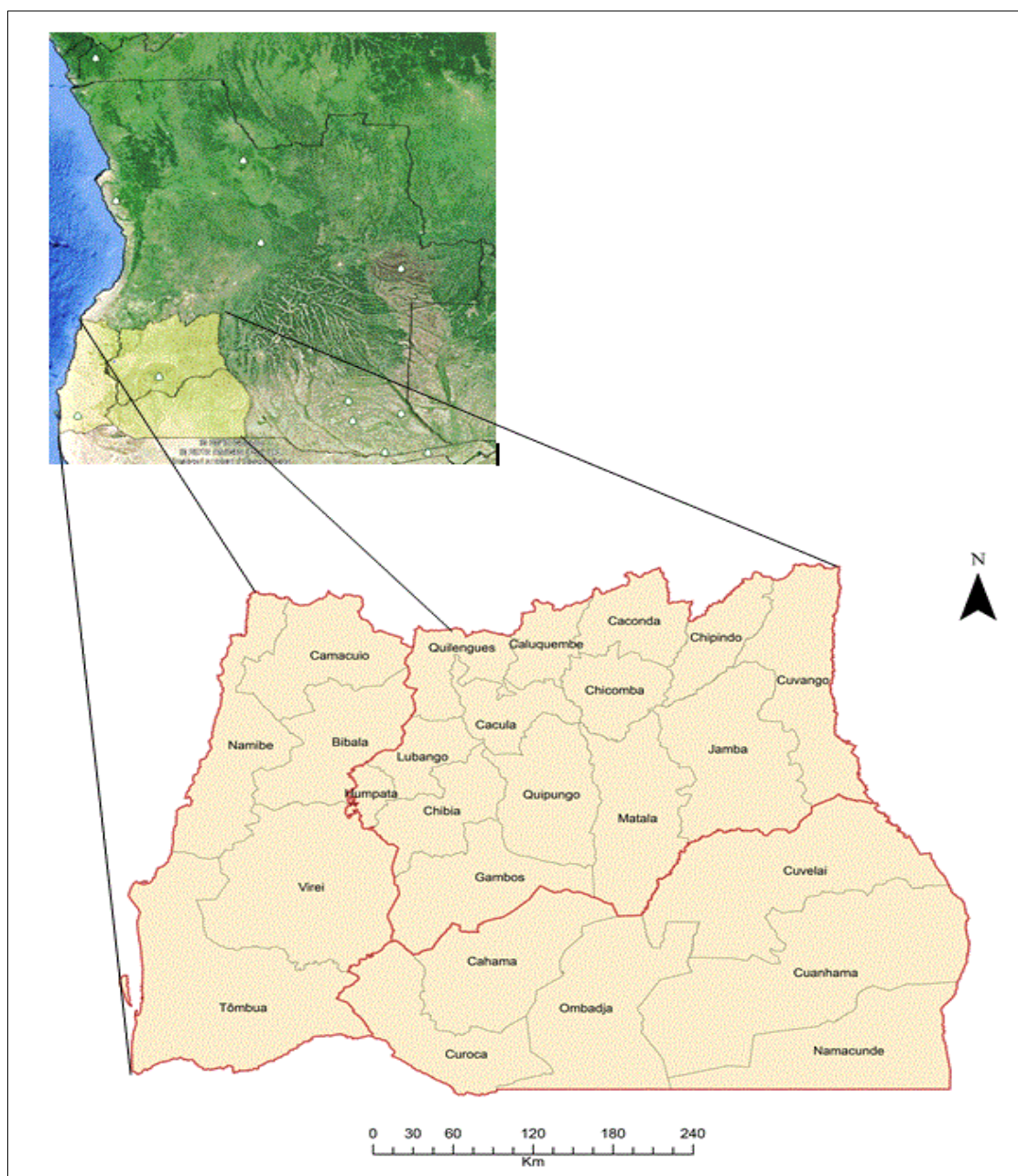
Situado entre o miombo denso e o deserto, imensas valências e saberes se encontram adormecidos no sudoeste angolano e precisam de uma revitalização urgente para colmatar o grande hiato verificado entre a produção científica registada durante a vigência do Instituto de Investigação Científica de Angola (na era colonial) e a grande lacuna de pesquisas no pós-independência.

Com fronteiras bastante tênues - população, rios, montanhas e vegetação demarcam as fronteiras do sudoeste angolano que integra as províncias da Huíla, Namibe e Cunene nas quais vários detalhes caracterizam cada uma delas. Assim, depois de uma disputa acirrada entre portugueses e alemães, foi assinado, em Lisboa, a 30 de dezembro de 1886 um acordo cuja ratificação se concretizou em 14 de julho de 1887. Na perspectiva de Oliveira (1999, p.169-170), enfatizando o

[...] (art.2º), a fronteira partindo do Cunene, seguia o seu curso até as cataratas que forma no sul do Humbe, ao atravessar a serra Caná; daqui em diante seguia o paralelo até ao rio Cubango, o seu curso até Andara e finalmente, deste lugar a fronteira seguia em linha recta na direcção do leste até aos rápidos de Katima no Zambeze.

Estava então delimitada a fronteira Sul de Angola e um passo dado para a “legitimação” do processo de colonização do território que, após ao aniquilamento da resistência no Sul e no Norte, passou a designar-se Angola. Eis, abaixo, uma ilustração do sudoeste angolano:

Figura 1: Sudoeste angolano



Fonte: CIDE-ISCED, 2018

É este território e suas gentes que, a partir do século XVIII, começou a ser visitado por um conjunto diferenciado de atores provenientes de terras distantes. Estes, dentro dos propósitos coloniais e no intuito de tornar o processo menos penoso e mais “integrador” produziram estudos nas mais diversas áreas do saber. Foram então criadas algumas agências de investigação, conforme a abordagem de Castelo (2012, p; 392):

Para pensar as relações dinâmicas entre poder político, ideologia e ciência no contexto do colonialismo português novecentista, convocamos o caso da Junta das Missões Geográficas e de Investigação Coloniais/do Ultramar (JIC/JIU), organismo directamente dependente do Ministério das Colónias/do Ultramar (1936-1973), destinado a coordenação e promoção de trabalho científico nos territórios além-mar sob soberania portuguesa.

Estas agências do saber tinham como fim último a integração de diferentes tópicos de análise para diagnosticar, com os pormenores que se impunham, as diferentes dinâmicas em termos de minerais, orografia, solos, populações – numa só palavra, tudo aquilo que pudesse garantir uma colonização sustentável.

Neste seguimento, a febre relativamente ao desconhecido e “exótico” movimentou um coletivo de cidadãos que, de certa forma comprometidos com o imperialismo colonial, impulsionaram um grande movimento de pesquisa interdisciplinar para “amenizar” os constrangimentos de colonização nos mais variados cenários da realidade internacional. Aqui, deve-se destacar o continente africano e Angola em particular.

O cenário da época introduziu um intenso debate interno que se consubstanciava numa certa pressão sobre as autoridades coloniais no sentido de abrir espaço e financiamento para um projeto de pesquisa interdisciplinar nos territórios colonizados. Assim, várias vezes se levantaram em torno da urgência na ocupação científica das colônias e pugnam por um efetivo investimento do Estado na ciência colonial realizada *in loco*, por equipas de pesquisadores metropolitanos.

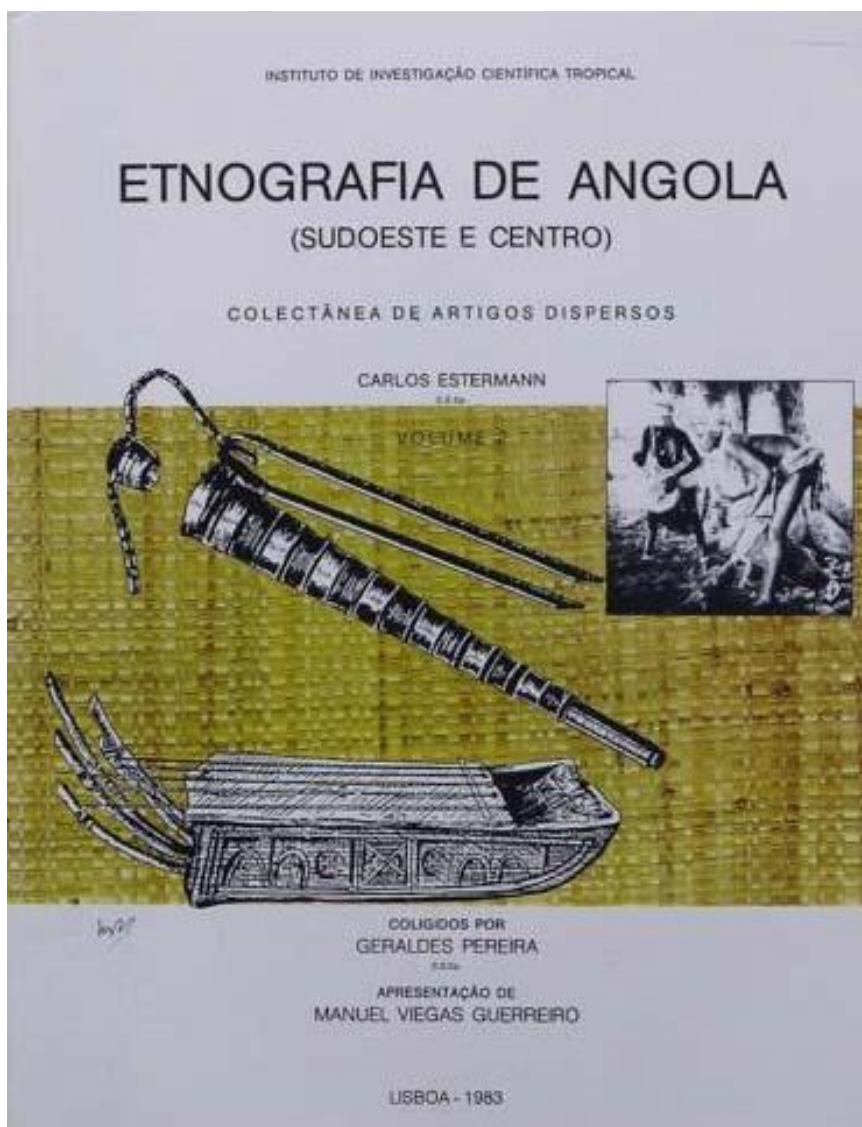
A ciência é apresentada como meio de garantir o sucesso da colonização e assegurar uma exploração racional dos recursos coloniais, com óbvios dividendos econômicos para a metrópole (PEREIRA, 2005; VARANDA, 2007; CASTELO, 2012). São os tópicos mais importantes destes estudos: Geografia, cartografia, geologia, botânica, zoologia, antropologia física e Etnografia – um conhecimento puro do homem e da natureza (CASTELO, 2012).

À partida, este importante levantamento conduziu a produção de uma importante cartografia mineralógica e o conhecimento das particularidades, em termos de recursos, das diferentes partes do território que é hoje conhecido por Angola.

Porém, os estudos realizados alargaram-se para a dimensão das populações encontradas pois, era necessário conhecê-las com alguma profundidade para uma penetração

e coabitação mais assertivas. Este seguimento de estudos protagonizou um conjunto complexo de saberes sobre as particularidades de várias populações e as idiossincrasias culturais que os mesmos encerram. Houve uma grande produção teórica na qual Estermann (1983) e Almeida (1994) lideraram os estudos ao nível do importante sudoeste Angolano.

Figura 2: Livro



Fonte: ESTERMANN (1983)

Porém, sem perder de vista a enorme e rica produção teórica colonial sobre o sudoeste angolano, importa aqui referenciar a grandiosíssima proporção de alteridade relativa aos referidos estudos. Estes, contagiados pelos estudos da época e ainda muito influenciados pelo evolucionismo cultural e por um fortíssimo complexo civilizatório de Morgan, macularam e desvirtuaram alguns preceitos culturais locais. Em se tratando de um projeto colonial, o

interesse eurocêntrico homologava o estádio de civilização como o marco final para a integração e aceitação do outro, “grosseiro”. Eis abaixo um texto muito forte deste posicionamento:

A objecção e a incrível ignorância da mulher preta, de cérebro rudimentar, receptivo para todas as superstições do meio que a cerca, que nele se gravam como inscrições em granito, e avassalam inteira e definitivamente todos os actos da sua vida social’. Todos os que lidam de perto com os indígenas subscrevem, sem hesitação, estas bem expressivas palavras. O poder da crença supersticiosa sobre a fraca vontade da mulher preta é de facto avassalador (ESTERMANN, 1983, p. 387).

Como se pode observar, salienta-se aqui uma Antropologia Colonial na sua dimensão mais expressiva que, na atualidade, representa um enorme debate de desconstrução para a reverberação dos constructos teóricos atuais.

Ainda nesta senda de avaliação dos contributos coloniais para o estudo dos habitantes do sudoeste angolano, destaca-se mais um texto produzido por um botânico que se destacou no sudoeste angolano como pesquisador daquela vaga de estudiosos associados às mais nobilizadas sociedades de investigação colonial do ultramar. Trata-se de Carrisso (1934, p. 14, 22-23):

O indígena por mais tosco e boçal que seja, é homem como nós, e como tal deve ser tratado. Sei bem que certas raças estão bem próximas da animalidade; não ignoro também os defeitos do negro, a sua irresistível tendência para a preguiça, o seu espírito infantil que tão facilmente descamba para a crueldade, a completa ausência, pelo menos em muitos casos, dos sentimentos a que chamamos lealdade e reconhecimento. Não nutro quaisquer espécies de ilusões a este respeito; sei bem como as cousas são. Mas isso não me impede de considerar como o mais elementar dever dos povos colonizadores, o esforço para melhorarem, por meio de um trabalho que, sem dúvida, é muitas vezes ingrato e causa cruéis decepções, a mentalidade e a moralidade dos povos sobre os quais exercem o seu domínio. É esta uma questão prévia, fundamental, que devo proclamar bem alto: colonizar não é substituir uma raça fraca ou inferior por outra, mais bem dotada ou mais bem armada; colonizar é uma obra social, cujo primeiro objectivo é a elevação do indígena. E é com ufania e desvanecimento que afirmo que foi esta sempre, a base da colonização portuguesa.

Trata-se de textos completamente ajustados a algum desconforto e, a sua apresentação está longe de ser um catalisador para o renascimento de um debate racista ou resposta ao invisível. Pretende-se ressaltar os vários trabalhos produzidos e contextualizar a lógica dos mesmos pois, independentemente da linha orientadora e os propósitos constituem ainda hoje, a base mais assertiva para qualquer pesquisa.

Assim, não querendo debater os prós e os contras desta odisséia, prevalece aqui a necessidade de se reanalisar alguns destes focos de conhecimento para reencaminhar as idiossincrasias culturais locais num alinhamento mais desafiador – cabe ao investigador social

hoje, desconstruir estes epítetos anteriormente inquestionáveis e realinhar o orgulho das populações locais relativamente ao seu passado. Este orgulho de pertença aqui referenciado não pode ser ajustado apenas às populações locais, precisa de ser extrapolado para alguns investigadores que absorveram os complexos dos epítetos civilizatórios e emitem juízos de valor a determinadas categorias culturais, mesmo àquelas que não oferecem qualquer perigo a integridade física dos indivíduos ou humilhações desmedidas.

Ora, o riquíssimo complexo cultural do sudoeste angolano, hoje montado num imenso encontro de culturas por conta de trânsitos frequentes de diversas regiões, abre espaço para novas abordagens. Esta mestiçagem cultural à qual podemos chamar de cultura compósita permite uma grande elasticidade em termos de estudos.

### **O sudoeste angolano e os desafios da pesquisa**

Tal como afirmado acima, o sudoeste angolano está categorizado por uma imensidão de estudos coloniais nos mais variados âmbitos do saber. Estes, caso sejam resgatados, relidos e realinhados às liberdades de pensamento atuais e, mais do isso, enalteçam as dimensões locais com a valorização que merecem, trariam, novamente, o Sudoeste para os áureos momentos da pesquisa.

O entusiasmo anterior apresentado parece uma luz no fundo do túnel porquanto a dimensão do segmento universitário atual da região em estudo se afigura ainda bastante aquém de um formato voltado para a investigação. Este desiderato torna a universidade num repositório de aulas e desafios pouco expressivos no sentido de estreitar a pesquisa.

Insiste-se neste imenso sudoeste angolano por ser uma região de grande intensidade de trânsitos decorrentes de vários fenômenos como: (1) migrações bantu e de outros povos que já aí habitavam (2) guerras interétnicas para a hegemonia de umas zonas sobre outras – surgimentos de reinos tributários; (3) presença europeia e suas modalidades de atuação; (4) guerra civil – movimentação de pessoas e militares; (5) globalização – forte influência do centro para a “periferia”.

Se, por um lado, os elementos acima tornaram o Sudoeste num espaço iminentemente cosmopolita com fenômenos intensos de negociação cultural – emergência de uma «cultura compósita» (BAHU, 2018, p.66), por outro lado enfrentam-se desafios interessantes de povos que mantêm um efetivo conservadorismo nos seus modos de vida, conforme aludido por Henderson (1990) quando classificava os ovanyaneka como um dos povos mais conservadores de Angola.

Nesta lógica de algum conservantismo, pode-se integrar um leque bastante diferenciado de povos cujo modo de vida ainda se traduz numa matriz cultural ancestral e um orgulho de pertença bastante interessante. A resiliência do seu dia a dia converge no sentido

de uma ligação a terra e os seus proventos bem como ao culto reservado aos seus antepassados.

A este desafio dos cultos locais incorpora-se uma nova dimensão, muito presente nos cultos católicos, evangélicos, neopentecostais e, ao nível das igrejas independentes africanas e «neotradicionais» (VIEGAS, 2015, p. 3) que numa perspectiva de alteridade desconstróem algumas das práticas anteriores com o argumento de que tais procedimentos constituem pecado.

Este bairrismo, numa lógica de disputa e alteridade convergem numa perspectiva de empréstimos e “usurpação” de algumas práticas de cultos ancestrais no sentido de captar aderentes para o novo culto. Neste particular, as igrejas neopentecostais se afiguram como líderes deste processo, por isso o cognome de igrejas camaleônicas.

O Sudoeste angolano não é apenas uma constelação do sagrado. Consubstancia-se em dinâmicas urbanas de grande dimensão onde o crescimento das cidades e dos espaços suburbanos alinham-se numa dimensão mais ajustada a categorização das redes de sociabilidades nos mais diferenciados locais de trabalho e, mais do que isto, o mercado paralelo que constitui a base de sobrevivência da maior parte das populações.

Estas dinâmicas que se fundamentam numa paisagem diversificada de cenários, alternando-se entre o tráfego de automóvel, vendedores ambulantes, roulottes, lojas do Mamadu<sup>31</sup>, kupapatas<sup>32</sup>, candongueiros – táxis, redes de prostituição, bares de várias tipologias, discotecas com um tipo de público definido, restaurantes diversos ou a casa da tia Maria que serve almoços, caleluias<sup>33</sup>, caenches<sup>34</sup> e as dinâmicas dos ginásios, namoros clandestinos e liberdade sexual, mendigos caçando moedas nos semáforos, redes de supermercados diversos e suas dinâmicas, estratégia de sobrevivência das famílias.

Os tópicos acima constituem um pequeno exemplo da imensa riqueza escondida que precisa de ser reorientada, sempre na lógica da continuidade e desconstrução de alguns preceitos largamente detalhados no linguajar de alguns autores acima citados.

## **Conclusões**

Ora, os desafios do sudoeste angolano, em termos de pesquisa, são imensos e desafiam a comunidade científica a abraçar um conjunto de temáticas que transitam entre o colonial e o pós-colonial e precisam cobrir o grande hiato entre o produzido pelos centros de pesquisa na era colonial e aquilo que é observado hoje.

A dispersão de informação pelas diferentes bibliotecas e arquivos espalhados pelo

---

<sup>31</sup> Lojas pertencentes a indivíduos provenientes de territórios maioritariamente islamistas.

<sup>32</sup> Grupo de motoqueiros que exercem a atividade de moto táxi.

<sup>33</sup> Grupo de moto taxistas que dirigem motorizadas de três rodas.

<sup>34</sup> Homens que fazem musculação e exibem os músculos.

globo terrestre impõem um conjunto de intercâmbios universitários para a aproximação do produzido anteriormente ou o que está a ser produzido para introduzir desafios interessantes em termos de partilha de conhecimentos e consolidação das pesquisas. Pensamos ser este o caminho para desafiar os jovens universitários do sudoeste angolano que se afigura como uma região bastante fecunda em termos de pesquisa nos mais variados ramos do saber.

A dimensão deste maravilhoso sudoeste é sem sombra para dúvidas um espaço bastante fecundo para a revitalização da pesquisa, principalmente em Ciências Sociais para a concretização da afirmação da História Local e outros ramos do saber.

## **Referências**

- ALMEIDA, António de. **Os Bosquimanos de Angola**. Lisboa, Instituto de Investigação Científica e Tropical. 1994.
- BAHU, Helder Pedro Alicerces. **Os Quadros Angolanos em Portugal. Integração e Retorno**. Lisboa, Editora Colibri. 2013.
- BAHU, Helder Pedro Alicerces. A ideia de família extensa em contexto angolano. Um legado histórico em desagregação. Em Pantoja, Selma [org] **Leituras Cruzadas sobre Angola. Saberes, Culturas e Políticas**, São Paulo, Paco Editorial. 2018.
- CARRISSO, L. Wittnich. Função colonial das missões religiosas. Em: **Conferência proferida na associação dos estudantes católicos do Porto**, em 22 de maio de 1933 e repetida no C. A. D. C. De Coimbra em 24 de maio de 1933. Separata dos “Estudos” órgão do C. A. D. C. DE Coimbra. 1934.
- CASTELO, Cláudia. Investigação científica e política colonial portuguesa: evolução e articulações (1936-1974). Na: **História, Ciência e Saúde**, vol. 19, nº2, abril – junho. Pp. 391-408. 2012.
- ESTERMANN, Carlos. **Etnografia do Sudoeste de Angola, Grupo Étnico Nhaneca-Humbi**. Vol. II, Memórias Série Antropológica e Etnológica s.l., Ministério do Ultramar, Junta de Investigação do Ultramar. 1983.
- HENDERSON, Lawrence W. **A Igreja em Angola: Um Rio com Várias Correntes**. Lisboa, Edições Além – Mar. 1990.
- OLIVEIRA, Joaquim Dias Marques de. **Aspectos da Delimitação das Fronteiras de Angola**. Coimbra, Coimbra Editora. 1999.
- VARANDA, Jorge. Cláudia Castelo, Passagens para África: o Povoamento de Angola e Moçambique com Naturais da Metrópole. Em **Etnográfica**, Vol 13 (1), fevereiro, p. 227-228. 2009.
- VIEGAS, Fátima e Varanda, Jorge. Saberes e Práticas de Cura nas Igrejas Neotradicionais em Luanda: carismas, participação e trajectórias das mulheres. Em: **Etnográfica**, nº

19(1), p. 189-224. 2015.

### ***Biografia Resumida***

---

**Helder Pedro Alicerces Bahu:** Professor no Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla (ISCED-HUÍLA). Mestre e Doutor em Antropologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa de Lisboa (ISCTE-IUL); Coordenador do Centro de Investigação e Desenvolvimento da Educação (CIDE-ISCED); Investigador Associado do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA-IUL); 2018 publicou um capítulo de livro, a ideia de família extensa em contexto angolano. Um legado histórico em desagregação. Em Pantoja, Selma [org] *Leituras Cruzadas sobre Angola. Saberes, Culturas e Políticas*, São Paulo, Paco Editorial 2016 publicou um capítulo de livro, *O Étnico está em Desuso? Construção e Desconstrução Identitária em Angola*. Em Teixeira, Marco António Domingos & Uílian Nogueira Lima [org] *Afros e Amazónicos. Estudos Sobre o Negro e o Indígena na Amazônia?* Vol. II, Porto Velho, MC & G Editorial; 2013 Publicou, pela Editora Colibri, os quadros angolanos em Portugal. Integração e Retorno.

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/6399455840077027>

**Contato:** [helderbahu@hotmail.com](mailto:helderbahu@hotmail.com).